
A Antropofagia Indígena em *Como Era Gostoso o Meu Francês* (1971) e *Canibais* (2016)¹

Vívian de Nazareth Santos CARVALHO²
Universidade Federal do Pará, Pará

RESUMO

Este artigo analisa como os filmes *Como Era Gostoso o Meu Francês* (1971) e *Canibais* (2016) atualizam discursos sobre a antropofagia dos indígenas brasileiros e amazônicos. A partir do conceito de regularidades e dispersões, desenvolvido por Michel Foucault (2008), em *A Arqueologia do Saber*, compreendemos que mesmo escritas por autores diferentes, em épocas diferentes e produzidas em países distintos, estas duas obras cinematográficas estão inseridas nas mesmas redes de memórias, produzidas no período colonial, momento em que o europeu inventou o indígena brasileiro e amazônico como um sujeito selvagem e canibal.

PALAVRAS-CHAVE: antropofagia; sociedades indígenas; cinema; análise do discurso.

1. INTRODUÇÃO

Cena 1: O francês Jean, ao lado de viajantes portugueses, é preso em uma emboscada preparada por indígenas Tupinambá. Estes, nus, com a pele vermelha, cocar na cabeça e lanças nas mãos, enfileiram os prisioneiros que acabaram de capturar. A língua é uma barreira para o entendimento entre os personagens. Os Tupinambá falam Tupi, os portugueses falam português e Jean francês. Apesar de não compreenderem as palavras, os prisioneiros sabem que serão mortos e comidos por seus algozes. Por isso, o personagem português logo diz: - coloque-me enrolado em uma tigela, temperada com azeite, coentro, cebola ralada e sal. E o outro completa: - deixe-me em repouso por algum tempo, levando-me em seguida ao fogo, depois bem refogado, deite-me um pouco d'água com vinagre e cravo.

Cena 2: Os portugueses são mortos. Jean é o escolhido para seguir com os nativos até a aldeia, onde continuará prisioneiro, para mais tarde ser cozinhado e comido pelos Tupinambá. A frase de autoria de Hans Staden: “Senhor, se é da Tua vontade que eu

¹ Trabalho apresentado no GP de Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências da Comunicação, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, e-mail: viviansantoscarvalho@gmail.com.

sofra morte tirânica, hei de sofrê-la destes povos que não Te conhecem”, finaliza esta sequência de imagens.

As cenas descritas acima são do filme brasileiro *Como era Gostoso o Meu Francês*, lançado em 1971, e dirigido por Nelson Pereira dos Santos. O longa conta a história do personagem francês Jean, que no final do século XVI viaja ao Brasil e é capturado pelos Tupinambá, que pretendem devorá-lo. Este filme atualiza um discurso historicamente construído no ocidente que inventa um “índio” selvagem e antropófago, uma ameaça às sociedades não indígenas. Este discurso é, até hoje, bastante explorado pelas produções cinematográficas e demais audiovisualidades.

Desde o século XVI, com a chegada das primeiras embarcações europeias ao Brasil, houve uma invenção produzida pelo dispositivo colonial (NEVES, 2009) sobre as identidades dos povos indígenas que viviam neste país. Neves (2009) explica que esta invenção trata-se de “uma falsificação forjada pelas relações de poder do sistema colonial, que instituiu um índio genérico, antropófago, sem roupa, sem conhecimento e de mentalidade primitiva” (NEVES, 2009, p.28). Entre os discursos produzidos pelos colonizadores europeus sobre as identidades indígenas há um enunciado bastante recorrente: o indígena como antropófago.

Viajantes europeus do século XVI, como Jean de Léry e André Thévet, escreveram sobre as práticas canibais dos indígenas brasileiros. Lestringant (1997) cita que na obra *As Singularidades*, de Thévet, publicada em 1557, há duas gravuras que descrevem o canibalismo dos Tupinambá:

Representando um prisioneiro com uma corda amarrada à cintura que desafia o adversário no instante em que a massa do carrasco abate-se sobre ele. A outra, de feitura maneirista e de expressão hiperbólica, mostra o decepamento de dois homens, cujas cabeças foram cortadas e os membros arrancados a grandes golpes de machado, para serem ‘cozidos’ sobre a grelha armada mais atrás (LESTRINGANT, 1997, p.88).

O discurso do canibalismo está presente não apenas em relação aos indígenas brasileiros, como também, envolve os povos nativos de outros países da América Latina. O longa norte-americano *Canibais*, dirigido por Eli Roth, e lançado em 2016, traz como enredo a antropofagia de uma sociedade indígena que vive na Amazônia peruana.

Tendo como base o método arqueológico, proposto por Michel Foucault, em *A Arqueologia do Saber* (2008), este artigo pretende analisar os enunciados sobre a

antropofagia indígena presentes nas materialidades fílmicas *Como era Gostoso o Meu Francês* (Direção: Nelson Pereira dos Santos. Ano: 1971) e *Canibais* (Direção: Eli Roth. Ano: 2016).

Compreendemos que, mesmo dispersos no tempo, esses filmes apresentam regularidades, pois pertencem a uma memória discursiva sobre como são e como agem os povos indígenas da América Latina. Esta memória discursiva começa em 1492, quando Cristóvão Colombo iniciou o contato dos europeus com os habitantes da América.

2. O CINEMA E O CANIBALISMO INDÍGENA

Através de diferentes estratégias de saber e poder, o sistema colonial (NEVES, 2009) produziu o discurso de que os povos indígenas são perigosos, selvagens e antropófagos. Cartas e pinturas destinadas à corte europeia contribuíram para a produção e circulação deste enunciado.

Na carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em primeiro de maio de 1500, o fidalgo português descreve que os indígenas são semelhantes a animais selvagens, que precisam ser “amansados”, e os caracteriza como “gente bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva” (Carta de Pero Vaz de Caminha, Terra, 2002).

Já em 1549, Hans Staden desenhou um ritual de indígenas Tupinambá em que “homens e mulheres aparecem nus, em torno de um grande caldeirão, envolto em chamas a cozinhar um crânio humano” (TOCANTINS, 2013, p.27). Este desenho se propagou pela Europa, que passou a associar as sociedades indígenas do Brasil a sujeitos que andam nus e são antropófagos.

A questão posta pelos colonizadores se os índios das Américas eram ou não seres humanos, também contribuiu para se instituir um discurso de selvageria desses povos. De acordo com Quijano (2014), com a colonização das Américas novas identidades históricas foram produzidas: há os brancos (os europeus, raça superior), os índios e os negros (raças inferiores).

Em relação aos índios, Quijano (2014) explica que desde o início da conquista, os vencedores iniciam uma discussão historicamente fundamental para as relações posteriores entre europeus e não europeus, “sobre si los aborígenes de América tienen ‘alma’ o no; en definitiva si tienen o no naturaleza humana” (QUIJANO, 2014, p.758). A discussão sobre se os indígenas eram ou não seres humanos, contribuiu para que esses povos fossem comparados a animais selvagens.

Este discurso pode ser hoje observado em filmes, telenovelas e minisséries que trazem personagens indígenas. Nesses produtos audiovisuais, há diversas cenas em que os índios aparecem engatinhando ou sentados em posições que se assemelham a animais. Como a personagem indígena Seboipepe (Ana Maria Magalhães), do filme *Como Era Gostoso o Meu Francês*, de 1971; o Tatuapu (Cláudio Heinrich), protagonista da telenovela *Uga Uga*, exibida em 2000, pela Rede Globo, e a Serena (Priscila Fantin), protagonista da telenovela *Alma Gêmea*, exibida em 2005, pela mesma emissora.

Figura 1: Frame Seboipepe em *Como Era Gostoso o meu Francês*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=911MUVtxVvg>

Figura 2: Frame Tatuapu em *Uga Uga*



Fonte figura 2: <https://www.youtube.com/watch?v=Zpd20YRddeI>

Figura 3: Frame Serena em *Alma Gêmea*



Fonte figura 3: https://www.youtube.com/watch?v=vDYiNYgSG_Y

O discurso de que os indígenas são selvagens e antropófagos continuou, e continua, atravessando a história do ocidente. No século XIX, Manoel Joaquim de Melo Corte Real, professor de desenho da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro,

pintou em tela o quadro intitulado *Nóbrega e seus companheiros*. Na pintura, o padre Manoel da Nóbrega e alguns missionários resgatam um cadáver que iria ser devorado em um ritual pelos Tupinambá. Esta obra ilustra a insistência dos missionários para que os índios “abandonassem suas práticas canibais consideradas pelos europeus como 'selvagens' e 'abomináveis’” (BAYONA, 2011, p.196).

Além do canibalismo, as produções audiovisuais materializam outros discursos inventados pelo sistema colonial sobre as identidades dos povos indígenas. Há produções que mostram o índio como o “bom selvagem”, outras atualizam um discurso do índio como protetor da natureza. As personagens mulheres indígenas são constantemente construídas como eróticas e sensuais, há a imagem do índio como um sujeito atrasado e “parado no tempo”, entre outros enunciados. Mas, neste artigo nos detemos em analisar o discurso do indígena como antropófago.

A partir de Foucault (2008), compreendemos que os discursos sobre as sociedades indígenas pertencem a redes de memórias historicamente construídas sobre esses povos. À luz do que nos ensina o autor em *A Arqueologia do Saber*, perguntamo-nos: por que apareceu um determinado enunciado nos filmes que são objetos de nossa análise, e não outro em seu lugar? “Por que estes e não outros? Seria necessário encontrar a lei de todas essas enunciações diversas e o lugar de onde vêm” (FOUCAULT, 2008, p.56).

Pensamos a história de maneira descontínua, isto significa dizer que os discursos estão dispersos no tempo, mas mantém regularidades ao tratar de um mesmo objeto. Esses discursos, entretanto, não aparecem da mesma forma, e nem pelos mesmos motivos, ao longo do tempo, eles se modificam e se atualizam. Como explica Foucault (2008, p.161):

Ainda que encontrássemos em Diderot e Lamarck, em Benoit de Maillet e Darwin, a mesma formulação do princípio evolutivo, não poderíamos considerar que se tratasse de um único e mesmo acontecimento discursivo que teria sido submetido, através do tempo, a uma série de repetições.

Embora exista uma rede de memória construída sobre os povos indígenas que atravessa a história da sociedade ocidental, os discursos se modificam, já que estão atrelados às condições de possibilidades históricas. Entre as primeiras cartas enviadas aos reis europeus sobre os indígenas e os discursos que circulam hoje nos filmes, há muitas diferenças, e não podemos desconsiderar a história do presente (GREGOLIN, 2013).

Compreendemos, portanto, que os discursos sobre a antropofagia indígena presentes nas materialidades fílmicas *Como Era Gostoso o Meu Francês* e *Canibais* não

são os mesmos daqueles propagados no período da colonização europeia, mas estão atrelados a eles, em um sistema de regularidades e dispersões. “Todo enunciado é portador de uma certa regularidade e não pode dela ser dissociado. Não se deve, portanto, opor a regularidade de um enunciado a irregularidade de outro [...] mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados” (FOUCAULT, 2008, p.165).

A partir da Análise do Discurso foucaultiana, compreendemos que as frases, imagens e outras materialidades, são dotadas de sentidos e pertencem a redes de memória (GREGOLIN, 2003) em que estão presentes outras frases, imagens, dentre outras materialidades, com quem elas mantêm regularidades e dispersões (FOUCAULT, 2008).

Desta forma, observamos o filme brasileiro *Como Era Gostoso o Meu Francês* a partir das regularidades que ele apresenta com o longa norte-americano *Canibais*. Mesmo escritos por autores diferentes, em anos diferentes e em países distintos, essas obras cinematográficas pertencem às mesmas redes de memórias coloniais, que tomam o sujeito indígena brasileiro e amazônico como selvagem e canibal.

2.1. Como era Gostoso o Meu Francês

Lançado em 1971, e dirigido por Nelson Pereira dos Santos, o longa *Como Era Gostoso o Meu Francês* é ambientado no Brasil do século XVI, e conta a história do francês Jean (Arduíno Colasanti), personagem inspirado em Jean de Léry, membro de uma missão que chega à França Antártica, colônia estabelecida por Nicolas de Villegagnon, na Baía da Guanabara.

Jean é feito prisioneiro pelos Tupinambá, povo brasileiro que pratica a antropofagia. Embora os Tupinambá sejam amigos dos franceses, eles acreditam que Jean é português, país de quem são inimigos, e o condenam à morte. Enquanto espera a execução, Jean tem o direito de se envolver amorosamente com a mulher do chefe dos Tupinambá, Seboipepe. Após oito meses, ele será morto e comido pela sociedade indígena.

O francês passa, então, a viver livremente na aldeia e a se relacionar amigavelmente com os indígenas, enquanto espera a sua morte. Ele se envolve com Seboipepe e mantém relações sexuais com a jovem. Ao final do filme, já próximo do dia de sua execução, Seboipepe narra para ele como será o ritual antropofágico que resultará em sua morte e posterior alimento para os Tupinambá.

Jean: Que devo fazer durante a festa?
Seboipepe: Mostra que és valente. Tens que correr, e todos nós correremos atrás de ti. Corre velozmente, como um guerreiro.
Seboipepe: Não conseguirás escapar. Mas, será respeitado. Irão trazê-lo de volta. E as mulheres pintarão a tua cabeça. Terás que dançar por um instante, amarrado a uma corda.
Seboipepe: Cunhambebe irá trazer a iverapema. Deixarão que tu atires frutas e pedras, naqueles que irão te comer.
Seboipepe: Então Cunhambebe dirá: “estou aqui para te matar. Porque tua gente matou muitos dos nossos”.
Seboipepe: Deves responder: “Quando eu morrer, meus amigos virão para me vingar”. Repete!
Jean: Meus amigos virão para me vingar.
Seboipepe: Não... quando eu morrer... meus amigos virão para me vingar.
Jean: Quando eu morrer, meus amigos virão para me vingar.
Seboipepe: Então Cunhambebe levantará a iverapema e deves fazer assim... assim. (Seboipepe vira o corpo de um lado para o outro, como se tentasse fugir do ataque de Cunhambebe).
Seboipepe: Mas não irá te ajudar. Porque dois guerreiros segurarão a corda. Irá golpear-te bem na cabeça.
Jean: E depois?
Seboipepe: As mulheres jogarão água quente sobre teu corpo. Cortarão os teus braços. E as pernas. E todos irão comer um pedaço.

Em relação à antropofagia dos Tupinambá, podemos analisar o filme *Como Era Gostoso o Meu Francês* a partir de dois discursos distintos. Por um lado, esta cena em que Seboipepe conversa com Jean evidencia uma preocupação histórica de tentar mostrar ao espectador como acontecia o ritual antropofágico na realidade. E a importância dele para o povo indígena.

A fala de Seboipepe: “Estou aqui para te matar, porque tua gente já matou muito dos nossos”, está de acordo com o que os documentos históricos nos mostram, como diz LESTRINGANT (1997), citando Thétev, o canibalismo dos Tupinambá, era assunto de vingança. Comiam-se os inimigos e os vivos voltavam para se vingar.

A prática da antropofagia existia de fato em algumas sociedades indígenas, no entanto, ela tinha uma importância cultural para esses povos. A guerra entre as sociedades nativas, a captura, a morte e a alimentação de seus inimigos não eram esvaziadas de sentido. Comia-se em uma relação de alteridade. Montaigne (1533-1592) explica que:

Para o resgate dos prisioneiros exigem-lhes apenas a confissão e o reconhecimento da derrota; mas não se encontrou um em todo um século que não preferisse a morte a quebrantar, de ânimo ou palavra, um só ponto da grandeza da sua invencível coragem, ou que não

preferisse ser morto e comido a pedir clemência (MONTAIGNE, Consciência.org, 2007).

Como explica Montaigne, em seu ensaio *Dos Canibais*, era um ato de valentia para o indígena ser comido por uma sociedade rival. Seboipepe, em *Como Era Gostoso o Meu Francês*, disse frase semelhante: “Mostra que és valente [...] Tens que correr velozmente”. Se o homem capturado pedisse para não ser morto e quisesse fugir, a sociedade rival deixaria, mas seria uma humilhação tão grande que este homem não seria nem mais aceito pelo seu próprio povo.

A antropofagia indígena também foi celebrada pelo Movimento Antropofágico, liderado por Oswald de Andrade, na década de 1920. O tema impulsionou uma série de textos e pinturas em que se propôs uma valorização da cultura brasileira e de suas raízes indígenas e se questionou a dependência do país em relação a cultura europeia. O *Manifesto Antropófago*, escrito por Oswald de Andrade, e publicado em 1928, marcou este movimento artístico. No *Manifesto*, o autor defende a valorização da cultura brasileira e propõe que se “engula” o outro, mas de uma forma que esse outro se misture a cultura do antropófago e dessa mistura se produza uma transmutação. Semelhante aos indígenas que devoravam seus inimigos para assimilar as suas qualidades.

Assim como a antropofagia oswaldiana, há em *Como Era Gostoso o Meu Francês* uma preocupação em inserir essa prática indígena em um contexto cultural e histórico. Isto pode ser observado na cena em que Seboipepe explica detalhadamente para Jean como será o ritual antropofágico.

Mas, por outro lado, o filme também reforça um discurso vazio do canibalismo, ao trazer cenas em que personagens europeus explicam como querem ser cozinhados e ao não aprofundar uma explicação do por que Jean será morto e comido pelos Tupinambá, o que incute no espectador a ideia de que o personagem será cozinhado por essa sociedade apenas porque “índios comem gente”.

Figura 4: Frame Seboipepe narra o ato antropofágico para Jean



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=911MUVtxVvg>

A obra cinematográfica *Como Era Gostoso o Meu Francês* é um drama que oscila entre mostrar a antropofagia indígena em uma perspectiva histórica e reforçar um discurso vazio do canibalismo. Diferente de *Canibais*, filme do gênero terror, que se aproveita da imagem do índio como um sujeito canibal para provocar medo no espectador. Embora essas duas produções sejam de gêneros cinematográficos diferentes, ambas atualizam redes de memórias que objetivam o indígena brasileiro e amazônico como selvagem e antropófago. Estas obras apresentam regularidades em seus discursos.

2.2. Canibais

Dirigido por Eli Roth e lançado em 2016, o filme norte-americano *Canibais* conta a história de um grupo de ativistas norte-americanos que decide ir até a Amazônia peruana para tentar proteger uma sociedade indígena que está desaparecendo. Durante o percurso, o avião em que os jovens estão sofre problemas e eles caem no meio da floresta. O grupo de ativista é resgatado e preso como refém do povo que desejava salvar.

Do cativeiro construído no meio da aldeia, os jovens são retirados aos poucos pelos indígenas para serem assados e comidos pelo povo amazônico. *Canibais* é do gênero terror, para fazer o longa, o diretor se inspirou em um outro filme que causou bastante polêmica na época de seu lançamento: o italiano *Canibal Holocausto*, de 1980, dirigido por Ruggero Deodato.

Semelhante ao enredo de *Canibais*, *Canibal Holocausto* conta a história de um antropólogo de Nova York, Harold Monroe (Robert Kerman), que viaja à floresta amazônica para tentar resgatar quatro jovens cineastas norte-americanos. Mas, ao chegar à Amazônia, Harold descobre que os cineastas foram mortos pelos indígenas.

A principal intenção de *Canibais* é provocar medo no espectador. Faz isso por meio de um discurso historicamente construído de que os indígenas amazônicos são antropófagos. Este filme atualiza discursos como o de Léry que, no século XVI, escreveu sobre os maus canibais: “a prova é dada pelas mulheres velhas, a quem apetece maravilhosamente comer a carne humana e que lambem com gulosa avidez os restos de lenha da grelha sobre as quais pingara gordura” (LÉRY apud. LESTRINGANT, 1997, p.106.).

E de Theodore de Bry que, em 1592, realizou uma edição da obra *América*, onde há uma imagem de Hans Staden com as mãos levantadas em repúdio a uma cena de canibalismo. “Ressaltando uma ideia de selvageria e barbárie na cena do ritual, onde até mulheres e crianças ganham destaque na cena, comendo partes do cativo sacrificado (braços, pernas e mãos)” (SANTOS, 2016, p.32).

Figura 5: Ilustração de Theodore de Bry sobre a antropofagia indígena



Fonte da figura 5: <https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/7-olimpiada/documentos/documento/87>

Figura 6: Frame de *Canibais*: corpo de personagem é cozinhado pela sociedade indígena



Fonte da figura 6: <https://megafilmeshd.com/canibais-the-green-inferno-legendado-online/>

Além do canibalismo indígena, o filme *Canibais* atualiza outros discursos bastante instituídos na sociedade ocidental e que repercutem em diferentes materialidades audiovisuais: a Amazônia é um lugar muito longe e inóspito para se viver. E o Peru é construído como um local perigoso e atrasado em relação a outros países capitalistas, como os Estados Unidos e o continente europeu. Esses são enunciados recorrentes quando se fala de países latino-americanos.

O medo dos povos amazônicos também é reforçado a partir de uma explicação da personagem professora que aparece no início do filme. Em sala de aula, ela explica aos jovens universitários que em muitas “tribos” da Amazônia se pratica a mutilação genital feminina, costume que inquieta a protagonista do longa, Justine (Lorenza Izzo), e a move para se tornar ativista de causas sociais dos países que, de acordo com *Canibais*, são inferiores ao imperioso Estados Unidos.

3. CONCLUSÃO

A partir da obra *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault (2008), compreendemos que os filmes *Como Era Gostoso o Meu Francês* e *Canibais* apresentam regularidades em suas tramas. Da dispersão de suas narrativas, essas obras atualizam redes de memória sobre a antropofagia dos povos indígenas brasileiros e amazônicos.

O discurso do canibalismo indígena é historicamente construído e tem suas bases no início da colonização da América pelos europeus, em 1492. A partir de documentos, pinturas e cartas dos navegantes se instituiu no ocidente um olhar para os povos desse “novo mundo”, que começaram a ser vistos como selvagens e canibais.

Os discursos sobre a selvageria e antropofagia indígena estão hoje presentes em diferentes dispositivos audiovisuais, entre eles, o cinema. *Como Era Gostoso o Meu Francês* e *Canibais* continuam atualizando esses enunciados, já que os dois filmes podem ser facilmente assistidos em plataformas na internet.

REFERÊNCIAS

BAYONA, Yobenj Aucardo Chicangana. Presença do passado no Brasil imperial: a tela Nóbrega e seus companheiros (1843). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 27, nº 45, p. 189-210. Jan/Jun 2011.

Consciência.org. **Dos Canibais: Michel de Montaigne**. Disponível em <http://www.consciencia.org/dos_canibais_montaigne.shtml>. Acesso em 01 de jul. De 2019. Acesso em 05 de jul. de 2019.

Débora Meira dos Santos. **Entre o IHGB e o Monteiro Lobato: (re) significações do livro de Hans Staden**. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, M. R. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: GREGOLIN, M. R.; BARONAS, Roberto (Org). **Análise do discurso: as materialidades dos sentidos**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 47-58.

LESTRIGANT, Frank. **O Canibal: Grandeza e Decadência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

NEVES, Ivânia dos Santos. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. 2009. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

QUIJANO, Aníbal. “Raza”, “etnia” y “nacion” en Mariátegui: cuestiones abiertas. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

TERRA. **Carta de Pero Vaz de Caminha**. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta_caminha.htm>. Acesso em 29 de nov. de 2018.

TOCANTINS, Raimundo. **Mulheres Indígenas no Facebook: corpos, intericonicidade e identidades**. 2013. 99 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) - Universidade da Amazônia, Belém, 2013.